

**BAPTISTA, Pedro – *A Pluralidade na Escola Portuense de Filosofia: O Pensamento Moral e Político de Newton de Macedo*, INCM, Lisboa, 2010, pp. 571 (Col. “Temas Portugueses)**

Na obra "A Pluralidade na Escola Portuense de Filosofia: O pensamento Moral e Político de Newton de Macedo, o autor começa por traçar em linhas gerais as razões e o contexto histórico que, de forma indelével, fizeram com que Newton de Macedo se tornasse uma figura incontornável no pensamento português contemporâneo.

É, igualmente, intenção do autor justificar a necessidade, sentida por Newton de Macedo, de responder, de forma fundamentada e sustentada, a uma nova teoria moral, que, como diz Pedro Baptista, seja susceptível não apenas de preencher e responder à dinâmica da vida, mas também às novas situações de crise, num país e num mundo em permanente transformação.

Assim, perante o vazio ideológico que a república, no tempo de Newton de Macedo, manifesta, havia também necessidade de construir um outro quadro ideológico-político e educativo que, de outra forma, punha em perigo o regime republicano e democrático.

O autor apresenta na primeira e segunda parte, com grande pormenor e aparato bibliográfico, as origens e as perplexidades que deram origem à Escola Portuense de Filosofia. Assim, vai explicitando os seus diferentes momentos históricos, acentuando de forma mais profunda as suas figuras tutelares, como Leonardo Coimbra, e mais propriamente a figura de Newton de Macedo. Neste contexto, conclui que não há lugar a uma visão unitária ao nível do pensamento mas, outrossim, a uma pluralidade de formas de pensamento e de perspectivas quanto aos elementos essenciais. Ou seja, quanto ao pensamento político, à moral, à liberdade, à educação, ao ensino, à cultura e à religião.

Na terceira parte, o autor tenta demonstrar que Newton de Macedo foi no seu tempo o vulto português que produziu a obra mais destacada de investigação e reflexão, pelo itinerário da história da cultura, do pensamento e da filosofia. Partindo deste pressuposto, Pedro Baptista apresenta uma profunda reflexão sobre a génese do pensamento de Newton de Macedo. Assim, afirma que a sua obra mergulha no pensamento europeu e vai até ao pensamento grego, para daí construir um pensamento próprio e sistemático, nomeadamente ao nível moral e ao nível político.

Deste modo, pensa o autor desta obra que, para Newton de Macedo, o helenismo corresponde a uma estrutura basilar da mentalidade do homem europeu, que nunca mais deixou de ser racionalista, ao mesmo tempo que sempre soube conciliar o lógico e o racional com o plástico, o artístico e o estético, ou seja, com a emoção e o sentimento.

É nesta dialéctica, ora, harmonizante, ora conflituante, que se funda o pensamento político e moral de Newton de Macedo. É assim, um pensamento filosófico dinâmico, à procura de uma síntese e de equilíbrio dinâmico. Por isso, para Newton de Macedo não há lugar ao pensamento já feito. O seu pensamento não se cinge a olhar para o passado como algo inerte, mas a construir um conhecimento para o futuro, que implique produção criativa constante. De um pensamento que se está a fazer e a construir, encarado enquanto liberdade espiritual.

O pensamento filosófico em Newton de Macedo surge, assim, nesta obra, como um questionamento permanente em que, do dinamismo perpétuo que cada pergunta implica, surge uma nova resposta e em que cada solução implica um novo problema. Aliás, é este o método que Newton de Macedo aplica à hermenêutica filosófica naquilo que concerne à cultura, à moral e à política. Neste último particular, Newton de Macedo assume uma atitude marcadamente contemporânea, no sentido em que atribui um papel importante à teoria argumentativa, aplicada ao âmbito político. A este nível a dimensão política tem que ter em conta não só o exercício lógico-racional, mas também a dimensão emotiva, se quiser ser eficaz. Assim, é da articulação razão/emoção que a teoria

argumentativa newtoniana se joga e se abre a novas possibilidades de continuar a discussão pública.

Ao nível moral, o que neste obra se mostra é que Newton não embarca em teorias redutoras. Assim, Newton de Macedo vai descortinar uma atitude e um esforço crítico ao acentuar uma razão desinteressada e livre ao nível moral. Aqui, Newton de Macedo rejeita uma moral filonómica, exterior ao indivíduo, hereditária e tipicamente aristocrática, para defender uma moral ontonómica, liberta de determinismos naturais ou divinos. Aqui, a razão é a única fonte de decisão em matéria moral. Este processo pressupõe uma evolução do plano divino para o plano humano, num progressivo acréscimo de liberdade individual, face ao capricho divino e à cega necessidade. Há, por isso, um assumir, por parte de Newton de Macedo, de um claro racionalismo ético e moral, de cariz humanista e humanizante.

Estamos perante um trabalho sério de índole académica, muito bem documentado que tenta encontrar um fundamento filosófico ao nível político e moral.

António M. Costa